



Asses indomáveis. Um caça americano pousa no porta-aviões nuclear USS George Washington durante manobras com a Marinha do Brasil, no Rio de Janeiro, por ocasião da Operação Southern Seas 2024

Visita de porta-aviões indica interesse dos EUA pelo Atlântico Sul

Para especialistas, manobras do USS George Washington no Brasil fazem parte de 'diplomacia de defesa' de olho na China



Cooperação. Militares se preparam para iniciar exercícios no litoral fluminense

THIAGO GUERINHO

thiago.guerinho@oglobo.com.br

Uma das peças centrais das forças navais dos Estados Unidos, o gigante USS George Washington (CVN-73) está de volta às águas brasileiras. Em sua terceira missão na América Latina e região do Caribe, o superporta-aviões com propulsão nuclear participará, nos próximos meses, da Operação Southern Seas 2024 antes de seguir para o Japão, onde deve chegar entre setembro e outubro para operar por mais 25 anos. A viagem, iniciada em 5 de abril, marca o retorno da embarcação para a Base Naval de Yokosuka — após uma série de atrasos. Mas também dá sinais de um crescente interesse pelo Atlântico Sul num contexto de forte polarização entre Washington e Pequim, cujo principal cenário de disputas hoje se dá na região do Pacífico, afirma analista observado pelo GLOBO.

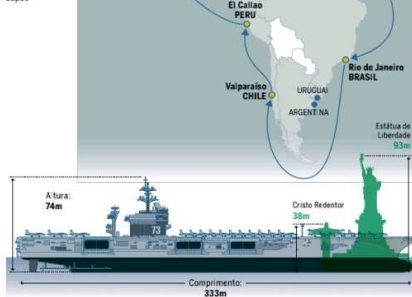
— A China tem feito movimentos fortes de aproximação militar com os países da costa ocidental da África e econômicos e políticos com os países da América do Sul, entre eles o Brasil. Com esse avanço, os americanos começaram a se preocupar mais com o Atlântico Sul — diz Francisco Novellino, oficial superior reformado da Marinha do Brasil e analista de defesa e poder naval. — Operações de forças navais americanas com o Brasil e outros países da região não são novidade, mas agora estão dando um recado maior.

ESTRANGEIROS A BORDO

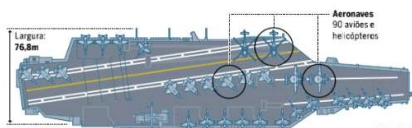
A última vez que o George Washington esteve no Brasil foi em 2015, durante a Operação Unita, o mais antigo exercício marítimo multinacional organizado pelos EUA. Na ocasião, militares brasileiros e americanos realizaram treinamentos conjuntos, incluindo simulações de combate aéreo

A VIAGEM DE UM GIGANTE AMERICANO

Superporta-aviões USS George Washington vai contornar a América do Sul a caminho do Japão



País de origem:	EUA
Tipo de embarcação:	Navio-aeródromo
Idade:	31 anos
Triplulação:	5 mil
Velocidade:	56 km/h
Propulsão:	nuclear



entre caças da Força Aérea Brasileira e da Marinha americana. Agora, estão previstos exercícios de passagem e operações no mar com as forças marítimas de nações parceiras, que acontecerão ao longo da circunavegação do continente sul-americano. Além do Brasil, a companhia de navios do George Washington — que inclui submarinos, destróieres e navios de reabastecimento

— participará de compromissos com Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Peru e Uruguai, com visitas a portos planejadas para as cidades de Rio de Janeiro, Valparaíso e El Callao. — Esse tipo de exercício faz parte da chamada diplomacia de defesa, que é extremamente importante nas questões relacionadas às disputas entre grandes potências e na diplomacia como um todo. É uma maneira de um país tentar influenciar outros, de construir alianças — explica o almirante da reserva Antonio Ruy de Almeida Silva, pesquisador sênior do Instituto de Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense.

PRÉDIO DE 24 ANDARES

Exemplo disso é que, pela primeira vez, a Southern Seas tem uma equipe internacional embarcada. São aproximadamente 25 oficiais de 13 nações parceiras, incluindo o Brasil, que estão servindo a bordo do CVN-73. Segundo a Marinha americana, o objetivo é oferecer instruções de professores da Escola de Guerra Naval dos EUA e trabalhar juntamente com pessoal embarcado para conduzir um planejamento detalhado em apoio às operações no mar, visando aprimorar a capacidade, melhorar a interoperabilidade e fortalecer parcerias marítimas com países em toda a área de responsabilidade do Comando Sul dos Estados Unidos.

Porta-aviões são geralmente os maiores — e mais caros — navios operados pelas marinhas de guerra. Sua principal função é apoiar e operar aeronaves que realizam ataques a alvos aéreos, flutuantes e em terra durante operações de projeção de poder sustentado, servindo como uma espécie de pista de pouso e decolagem capaz de se deslocar rapidamente

pelo mar, dispensando assim aeroportos ou instalações convencionais.

Em funcionamento desde 1992, o USS George Washington foi o primeiro porta-aviões com propulsão nuclear americano permanentemente estacionado fora do território continental dos EUA a partir de 2008. Em 2017, ele regressou para Norfolk, no estado da Virgínia, onde passou por processos de reabastecimento e revisão de meia-vida que, em meio a limitações orçamentárias e atrasos dos mais diversos tipos — incluindo a pandemia de Covid-19 — só foram concluídos em maio de 2023, a um custo estimado de mais de US\$ 2,8 bilhões (R\$ 14,3 bilhões).

Popularmente conhecido como GW, o navio mede 330 metros de comprimento por 78 metros de largura (40,8 metros na linha d'água) e desloca cerca de 110 mil toneladas no mar. Da quilha até o topo do mastro, são 74 metros de altura, o equivalente a um prédio de aproximadamente 24 andares. Seu interior comporta dez pisos acima do convés e outros dez abaixo, interligados por mais de 50 escadas. Além disso, tem capacidade para receber uma tripulação de cerca de 5 mil militares — o equivalente à população inteira de uma pequena cidade. Atualmente, estão embarcados 4,9 mil tripulantes, sendo mais de 3 mil alistados na companhia de navios e 1,450 na ala aérea, além de 250 oficiais da ala aérea e 200 da companhia de navios.

São 110 mil toneladas de diplomacia no mar, além de representar um dos mais avançados e poderosos meios de projeção de poder marítimo do mundo — comenta Leonam Guimarães, engenheiro naval, oficial da reserva e diretor-técnico da Associação Brasileira para Desenvolvimento Atividades Nucleares (Abdan).

Grupo do porta-aviões dos EUA participará de compromissos com sete países ao todo

O superporta-aviões americano ainda tem dois reatores nucleares, que geram energia para alimentar as quatro hélices que movimentam o navio, bem como o restante da embarcação, incluindo os elevadores (que levam as aeronaves do hangar para o convés em apenas oito segundos), as catapultas para lançamento dos caças (que atingem uma velocidade de quase 2.000 km/h em instantes) e os cabos de retenção (responsáveis por frear as aeronaves no pouso). Sua ala aérea de bordo é composta por cerca de 90 aviões e helicópteros divididos em nove esquadrões — as aeronaves são as principais armas dos porta-aviões, servindo também para defesa da força-tarefa.

— O porta-aviões não é apenas um navio, é uma combinação de poder aéreo com poder naval, ou seja, sua capacidade de serviço é multiplicada. E a Marinha dos EUA descobriu que não existe ferramenta melhor para lutar num teatro de grandes proporções como o Pacífico do que um porta-aviões — conclui Felipe Salles, mestre em estudos marítimos.